

**FUTEBOL AMADOR E IDENTIDADE: UMA ETNOGRAFIA DO PROCESSO DE  
FORMAÇÃO DAS EQUIPES DO MIRANTE ESPORTE CLUBE EM PONTA GROSSA –  
PARANÁ**

**AMATEUR FOOTBALL AND IDENTITY: AN ETHNOGRAPHY OF THE FORMATION  
PROCESS OF THE MIRANTE ESPORTE CLUBE TEAMS IN PONTA GROSSA, PARANÁ**

**FÚTBOL AMATEUR E IDENTIDAD: UNA ETNOGRAFÍA DEL PROCESO DE  
FORMACIÓN DE LOS EQUIPOS DEL MIRANTE ESPORTE CLUBE EN PONTA  
GROSSA, PARANÁ**



10.56238/revgeov17n1-040

**Edilson de Oliveira**

Doutor em Ciências Sociais Aplicadas  
Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa  
E-mail: edoliveira@uepg.br  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2658-8263>

**Miguel Archanjo de Freitas Junior**

Doutor em História  
Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa  
E-mail: mfreitasjr@uepg.br  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6636-8084>

**RESUMO**

O objetivo do estudo foi interpretar e analisar os sentidos e significados que forjam a identificação dos agentes sociais com o que é ser Mirante Esporte Clube, tentando compreender se isso contribui para a manutenção das atividades do clube. Assim, optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Infere-se que a longevidade do Mirante E. C., pode ser compreendida através das disputas internas pela definição do projeto de futuro do clube, permeadas por afetividades e sentimentos de identificação com os símbolos do clube. Deste modo, entre as memórias do passado dos veteranos e a esperança subjetiva (quase mística), de que tudo é possível através de um grupo que se reconheça como uma família, os símbolos, normas e leis que regem este espaço social permanecem sendo reproduzidas, legitimando simbolicamente o futebol amador como uma prática indispensável do cotidiano destes agentes sociais.

**Palavras-chave:** Cultura Futebolística. Gestão. Disputa de Poder. Etnografia de Longa Duração.

**ABSTRACT**

The objective of the study was to interpret and analyze the meanings and significance that shape social agents' identification with what it means to be Mirante Esporte Clube, seeking to understand whether this contributes to the maintenance of the club's activities. Thus, we opted for the methodological guidelines of



ethnography, as they guide researchers in the interpretive process of the “point of view” and “worldview” of individuals belonging to the social group under investigation, through the interpretations of their symbolic practices. It can be inferred that the longevity of Mirante E. C. can be understood through internal disputes over the definition of the club's future project, permeated by affections and feelings of identification with the club's symbols. Thus, between the veterans' memories of the past and the subjective (almost mystical) hope that anything is possible through a group that recognizes itself as a family, the symbols, norms, and laws that govern this social space continue to be reproduced, symbolically legitimizing amateur soccer as an indispensable practice in the daily lives of these social agents.

**Keywords:** Soccer Culture. Management. Power Struggles. Long-Term Ethnography.

### **RESUMEN**

El objetivo del estudio fue interpretar y analizar los sentidos y significados que forjan la identificación de los agentes sociales con lo que significa ser Mirante Esporte Clube, tratando de comprender si esto contribuye al mantenimiento de las actividades del club. Así, se optó por las orientaciones metodológicas de la etnografía, ya que guían a los investigadores en el proceso interpretativo del «punto de vista» y la «visión del mundo» de los individuos pertenecientes al grupo social investigado, a través de las interpretaciones de sus prácticas simbólicas. Se deduce que la longevidad del Mirante E. C. puede entenderse a través de las disputas internas por la definición del proyecto de futuro del club, impregnadas de afectividad y sentimientos de identificación con los símbolos del club. De este modo, entre los recuerdos del pasado de los veteranos y la esperanza subjetiva (casi mística) de que todo es posible a través de un grupo que se reconoce como una familia, los símbolos, normas y leyes que rigen este espacio social siguen reproduciéndose, legitimando simbólicamente el fútbol amateur como una práctica indispensable en la vida cotidiana de estos agentes sociales.

**Palabras clave:** Cultura Futbolística. Gestión. Disputa de Poder. Etnografía de Larga Duración.



## 1 INTRODUÇÃO

Para o antropólogo americano Marshall Sahlins, a complexidade de se compreender os sentidos e significados das práticas culturais de um determinado grupo, está no fato de que elas estão sempre em constante mudança. A oportunidade de perceber empiricamente as palavras de Sahlins (1993) surgiu em 2019, após sete anos *in loco*, observando e descrevendo as relações sociais estabelecidas no interior de um clube de futebol amador, localizado na cidade de Ponta Grossa, estado do Paraná-Brasil.

Naquele ano, houve uma mudança na gestão do clube, o novo presidente demonstrou uma visão diferente sobre qual deveria ser o objetivo do Mirante Esporte Clube<sup>1</sup> nas competições amadoras de futebol da cidade. Propondo um projeto de futuro, diferente daquilo que havíamos descrito entre os anos de 2013 e 2018, nos Diários de Campo (DC) e publicado<sup>2</sup> em periódicos acadêmicos, como representativo do que era “ser Mirante E. C.”

Deste modo, caso alguém se dirigisse ao estádio do Mirante E. C., em 2019, 2020 ou 2021, para observar as relações descritas anteriormente (2013-2018), certamente enxergaria um local completamente diferente do exposto nas investigações anteriores. Sahlins (1993), ajuda-nos a entender esta situação ao apontar que quando um pesquisador se propõe a realizar uma análise sociocultural através da etnografia, permanecer em campo torna-se uma exigência primordial para se construir “descrições densas” (GEERTZ, 2008) e ao mesmo tempo, um caminho direto para o contraditório. Nas palavras do autor:

Pelo menos no que concerne a antropologia, duas coisas são certas, a longo prazo: uma delas é que estaremos todos mortos; mas a outra é que estaremos todos errados. Evidentemente, uma carreira acadêmica feliz é aquela em que a primeira coisa acontece antes da segunda. (SAHLINS, 1993, p. 3).

O sentimento de que a segunda coisa aconteceu antes da primeira, devia-se ao fato de que, decorria-se do longo período em que havíamos permanecidos em campo. Entretanto, a realização de uma etnografia em longa duração, nos possibilitaria, a partir do descrito por Sahlins (1993) em sua obra “Esperando Foucault, ainda”, uma experiência extremamente rica academicamente, por permitir que observássemos a continuidade das práticas, dos ritos e das tradições do Mirante E. C. Mais do que isso, teríamos a oportunidade de compará-las em temporalidades distintas., pois “Implícita ou

---

<sup>1</sup> Visando respeitar em todas as etapas do estudo a dignidade, a liberdade e a autonomia dos agentes sociais investigados, conforme exige a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que trata dos aspectos éticos de investigações com seres humanos, optou-se pela utilização de um nome fictício para o clube no qual o estudo foi desenvolvido. A opção pelo nome Mirante Esporte Clube, remete simbolicamente à ponte no campo futebolístico amador pontagrossense, que serviu de base para nosso olhar sobre este espaço social. Destaca-se que a adoção de nomes fictícios também ocorreu com os agentes sociais (torcedores, jogadores, técnicos, presidentes etc.). o ato de tratá-los pelo nome (mesmo que fictícios) ao longo do texto, permite uma proximidade narrativa fundamental para o leitor entender os sentimentos presentes destas relações.

<sup>2</sup>Sobre as experiências de empoderamento pessoal (FREITAS JR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2018); sobre o processo de aprendizagem da cultura futebolística (FREITAS JR; OLIVEIRA; LINHARES, 2018); sobre o respeito aos veteranos (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCELLI, 2019); sobre o ritual de preparação para os jogos (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2019).



explicitamente, a etnografia é um ato de comparação. Em virtude da comparação, a descrição etnográfica torna-se objetiva”. (SAHLINS, 1993, p. 16).

Tais comparações não podem ser ingênuas, pois assim como a floresta amazônica, que existe há milênios e, portanto, já substituiu todas as árvores originas inúmeras vezes (SAHLINS, 1993), em toda cultura, haverá tensões, conflitos, mudanças e relações de poder, objetos de uma etnografia de longa duração. Porém o que fomenta a manutenção daquele grupo serão os elos de identificação forjados no interior do grupo, o qual é estabelecido através da valoração seletiva das similaridades e diferenças dos agentes pertencentes ao grupo social.

Deste modo, a angústia inicial de não ter realizado uma etnografia competente, abriu espaço para provocações sobre quais os motivos por trás das mudanças? A mudança na gestão e organização daquele clube de futebol amador em 2019, revelavam o início do fim de um clube prestes a se tornar centenário (em 2022) ou seria justamente estas transições as responsáveis pela longevidade do clube?

Diante do exposto, somos instigados a refletir sobre quais motivos levam um clube de futebol amador, que teve seu auge na década de 1930 e seu último título amador conquistado há mais de 25 anos, a permanece em atividade após mais de 99 anos de sua fundação?

Para tanto, o objetivo do estudo foi interpretar os sentidos e significados que forjam a identificação dos agentes sociais com o que é ser Mirante Esporte Clube, tentando compreender se isso contribui para a manutenção das atividades do clube.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, optou-se pelos direcionamentos metodológicos da etnografia, pois eles guiam os pesquisadores no processo interpretativo do “ponto de vista” e da “visão sobre o mundo” dos indivíduos pertencentes ao grupo social investigado, através das interpretações de suas práticas simbólicas. Baseando-se em *insights* que permitem a reorganização dos dados, coletados inicialmente como fragmentos e indícios soltos de um arranjo complexo. (MAGNANI, 2002). De acordo com Malinowski (1978) uma explicação através do método etnográfico deve orientar-se por três princípios: (1) fornecer um esquema claro e firme da constituição social do grupo investigado; (2) a vivência entre os nativos; e (3) a construção de um retrato completo e adequado da cultura nativa.

A etnografia direciona a realização de diferentes etapas metodológicas, que não necessariamente apresentam uma sequência cronológica. Nesta pesquisa, primeiramente estabeleceu-se o objeto e os sujeitos, estruturas que permeiam todos os tipos de produções científicas. Nesse sentido, estipulou-se o campo futebolístico amador pontagrossense, pois nestes espaços ocorrem os campeonatos mais antigos, ainda em atividade da cidade (RIBEIRO JR, 2004). A entidade responsável pela organização e gerenciamento do futebol amador é Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG) fundada em 1928, que completou 93 anos de história em 2021.



Quanto à baliza temporal, cabe destacar que o estudo foi desenvolvido entre os anos de 2013 e 2021. Neste tipo de análise o contato prévio com o tema, a autorização e aproximação com o grupo social investigado, a realização das primeiras descrições, a aceitação, para então a construção de descrições “densas”, são etapas que se diferenciam de pesquisador para pesquisador, transformando o tempo em uma “variável dinâmica” em que a permanência *in loco* não pode ser definida antecipadamente.

Compreendendo que o conhecimento preliminar sobre o objeto de estudo é essencial para traçar as primeiras estratégias de inserção ao campo. Em um primeiro momento realizou-se um levantamento de artigos, dissertações, teses e livros, que abordam a questão do futebol amador em geral e do futebol amador no contexto da cidade de Ponta Grossa. Dentre as quais se destaca os estudos: de Rigo (2007) sobre um clube de futebol social e recreativo da cidade de Pelotas; de Cunha et al. (2013) sobre as memórias de um clube que disputa a competição amadora de futebol em São José Norte; de Myskiw e Stigger (2014) sobre um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre; de Oliveira (2013) sobre a “suburbana” competição amadora de futebol da cidade de Curitiba; e no contexto local destaca-se a obra de Ribeiro Jr. (2004), na qual o autor realiza um resgate das competições e resultados dos clubes pontagrossenses, porém sem reflexões teóricas; e de Freitas Jr (2000), sobre as causas do fracasso do Operário Ferroviário E. C., uma equipe de futebol profissional de Ponta Grossa.

Na sequência, buscou-se a autorização para a inserção *in loco*, tal tarefa foi facilitada através de uma visita dos pesquisadores a Liga de Futebol de Ponta Grossa (LFPG), por meio da qual obteve-se os contatos dos clubes filiados. De posse destas informações realizou-se aleatoriamente uma ligação para o agente “responsável” pelo Mirante E. C., que foi o primeiro dentre os demais representantes a atender-nos e colocar-se a disposição. Desta maneira, definiu-se o clube como o ponto de partida da investigação.

Autorizada a inserção *in loco*, iniciou-se a observação participante, desdobrada na estruturação de um diário de campo, onde se objetivou compreender as lógicas gerais e específicas do campo futebolístico amador pontagrossense. Tal compreensão se torna mais profícua quando ocorre uma caracterização específica, a qual pode ser adjetivada de “densa”. Como salienta Geertz (2008) o que se faz em um estudo etnográfico é principalmente a descrição das observações em um diário de campo (DC), não simples anotações, mas descrições “densas”.

Esta adjetivação efetiva-se quando os pesquisadores são capazes de interpretar o ponto de vista dos próprios membros do grupo social investigado, através da vivência e da observação destas práticas oriundas de processos históricos, sociais e culturais. (BOUMARD, 1999). Ao passo que as descrições capturem os “detalhes, contextos, emoções e as nuances do relacionamento social a fim de evocar o ‘sentimento’ de uma cena e não apenas seus atributos superficiais”. (ANGROSINO, 2009, p. 32-33).



No decorrer deste processo, acompanhou-se os jogos de duas categorias em que o Futebol amador da cidade de Ponta Grossa - PR se subdivide, são elas: Campeonato Amador Divisão Especial (jogadores acima de 15 anos) e O Campeonato Amador Máster (jogadores acima de 35 anos). Estas partidas são realizadas em vários campos da cidade de Ponta Grossa e região, ocorrendo em sua grande maioria aos domingos pela manhã, característica que impossibilita a observação de mais de uma partida por rodada. Deste modo, como a profundidade de interpretação e análise são a essência da investigação etnográfica, optou-se por acompanhar em todas as partidas o Mirante E. C. e estabelecer-se através dele o olhar para os demais clubes, verificando-se assim as lógicas comuns e as lógicas que os diferenciam.

Além das partidas oficiais, acompanhou-se os jogadores em seus espaços de socialização e confraternização (antes e após os jogos), nos amistosos, nos jogos treino, nas peladas<sup>3</sup>, realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não havia jogo do campeonato amador. Também nos fizemos presentes nas festividades em datas comemorativas (aniversário do clube) ou para arrecadação de fundos, em multidões para realização de pequenas reformas, como pintura dos muros, troca de portas, construção de pisos e rampas, de reuniões da diretoria do Mirante E. C. e grupos de WhatsApp.

Compreendendo a dimensão das relações proporcionadas pela internet na sociedade contemporânea, através das comunicações mediadas por computadores e smartphones (HINE, 2015), optou-se por incorporadas nas descrições etnográficas, as relações estabelecidas através de redes sociais e grupos de aplicativos de comunicação. As saídas de campo, foram registradas em um Diário de Campo (DC), visto que normalmente o indivíduo lembra-se somente das coisas que o motivam e o empolgam, descartando fatos sem sentido no momento do acontecimento. (DAMATTA, 1987).

Partindo dos conceitos de “estar ali” e “estar aqui”, descritos por Geertz (2010), a materialização dos diários fez-se dentro e fora de campo, além de um caderno, para anotação das informações que se consideravam mais relevantes, logo após a saída do campo realizou-se através do recurso do gravador, uma descrição detalhada das experiências observadas e experimentadas, com o objetivo de minimizar as perdas da memória. A segunda etapa de construção do DC consistiu-se na escuta e posterior transcrição do áudio, em seguida a construção de um relatório complementar.

Paralelamente ao processo de observação e estruturação do DC, realizou-se a interpretação e a análise do material empírico proveniente das saídas a campo. Neste processo analítico considerara-se como fundamental para o estabelecimento das categorias de análise, a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas observadas. Ressalta-se que o estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê

---

<sup>3</sup>O termo “pelada”, na linguagem futebolística, refere-se a um jogo de caráter “lúdico”, no qual algumas regras, como a presença de árbitros, a uniformização das equipes, as substituições ou o tempo de jogo são definidas em comum acordo entre as equipes. No caso específico do amador pontagrossense, são realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não há jogo do amador.



de Ética e Pesquisa da Faculdade Sant'Ana<sup>4</sup>, conforme designação da Plataforma Brasil, sob o número do CAAE: 66013317.8.0000.5694 e do Parecer: 2.005.549.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Uma boa etnografia, desde Malinowski, Geertz e Sahlins, é aquela capaz de tornar visível as regras e normas culturais cristalizadas no interior dos grupos nativos e, portanto, responsáveis pela construção da sociedade investigada. Como códigos, essas leis não estão escritas explicitamente em lugar algum, mas sim inscritas “no mais escorregadio de todos os materiais: o ser humano”. (MALINOWSKI, 1978, p. 25).

Ao iniciar as primeiras observações *in loco* em 2013, não imaginava que passaria mais de 8 anos acompanhando aquele clube, fato que me colocou junto com um pequeno grupo de agentes, pois a maioria dos jogadores não permaneciam tantos anos consecutivos no clube. Realizar uma etnografia em longa duração, permitiu acompanhar não apenas as vivências e práticas de um grupo, mas seus conflitos e transformações ao longo dos anos. Um dos primeiros elementos que chamou a atenção nas descrições do diário de campo, foi a diversidade dos agentes sociais.

Os jogadores, dirigentes e torcedores do Mirante Esporte Clube, vinham de diversas regiões da cidade<sup>5</sup>, de todas as idades e com construções culturais e padrões econômicos distintos. Mesmo com estas diferenças, existia em certa medida, um “equilíbrio de poder”<sup>6</sup>.

Assim, a ilusão de ótica construída nas imagens sociais entre o bem-sucedido e o fracassado é problematizada, ao passo em que o estabelecido socialmente perde protagonismo nas teias de interdependência. Já os normalmente considerados *outsider* sem outras configurações, ao adentrarem nestes ambientes deixam o estigma da marginalidade e assumem um papel de destaque nessa nova ordem. (FREITAS JUNIOR; OLIVEIRA; GABRIEL, 2018, p. 586).

Estas micro tensões que ocorriam durante os jogos, devido a busca pela titularidade, as atuações em campo, o comprometimento com a equipe, os auxílios financeiros com arbitragem, eram fundamentais para uma mudança positiva no olhar “sobre aqueles” jogadores e no olhar “daqueles”

---

<sup>4</sup> A Plataforma Brasil é uma base nacional e unificada de projetos de pesquisa que envolvam seres humanos. Após submissão da proposta na Plataforma Brasil, o projeto é designado para análise por um Comitê de Ética vinculado ao sistema. (PLATAFORMA BRASIL, 2021).

<sup>5</sup> De acordo com os dados obtidos no site do IBGE (2021), Ponta Grossa – PR, possui uma população estimada (2021) de 358.838 habitante, quarta maior do estado. Desta população, 105.823 pessoas encontram-se em uma ocupação profissional. Embora a cidade encontre-se na 14ª posição do estado em salário médio mensal dos trabalhadores formais, com 2,6 salários-mínimos, 32,7 % dos trabalhadores possuem rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário-mínimo. Comparando a outros municípios, a cidade está em 60º do ranking estadual do Produto Interno Bruto (PIB). Na educação, quanto as notas dos Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), 6,5 nos anos iniciais e 4,8 nos anos finais do ensino fundamental (Rede pública) a cidade encontra-se nas posições 149 e 288 respectivamente.

<sup>6</sup> Para Elias (2005) as relações sociais entre os indivíduos ou entre indivíduos e grupos sociais, devem ser compreendidas como parte de uma configuração mutável, na qual há “um equilíbrio de poder, que se move para diante e para trás, inclinando-se primeiro para um lado e depois para o outro. Este tipo de equilíbrio flutuante é uma característica estrutural do fluxo de cada configuração. (ELIAS, 2005, p. 143).



jogadores marginalizados socialmente (devido a profissão ou falta de escolaridade), auxiliando no empoderamento pessoal.

Partindo dos pressupostos teóricos de Bourdieu (2001), também é possível compreender as mudanças na visão destes agentes sociais, devido a *nomos* do grupo. Bourdieu (2001) destaca que no interior de todos os campos sociais, há uma “lei fundamental”, seu *nomos*, tão real para os integrantes do campo, que não precisa ser enunciada, tão óbvia para os agentes sociais pertencentes ao campo, que podem passar completamente despercebidas por forasteiros, pois só é enunciada, de forma tautológica, quando ocorre nas interações sociais algo excepcional. Deste modo, podemos compreender esta lei fundamental como base de um sistema de valores naturalizados pelos agentes.

No contexto do Mirante E. C., em investigações anteriores, analisou-se alguns destes valores, como o respeito, a valorização e a admiração aos jogadores mais velhos, os veteranos, pela trajetória no futebol pontagrossense e no clube, devido a características como experiências e sabedoria acumuladas em décadas de futebol (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCCELLI, 2019). O respeito e defesa do clube como um “lugar de família”, ou seja, da busca por aproximar cada vez mais os filhos e esposas, aos filhos e esposas de outros jogadores, tornando o estádio do Mirante E. C. um espaço de fraternidade e os churrascos e festividades após os jogos encontros em família. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).

Neste contexto, possuir uma noiva, esposa ou filhos atribuía perante o grupo, uma imagem de responsabilidade e compromisso, diferente dos jogadores solteiros. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020). Seguindo esta lógica, o gosto pela prática futebolística e o amor pelo Mirante E. C eram ensinados desde cedo, através da entrada das crianças no campo, dos meninos no vestiário, das conversas sobre futebol, das histórias contadas aos menores sobre os feitos dos pais. (FREITAS JR; OLIVEIRA; LINHARES, 2018).

No entanto, a justificativa por aproximar a família, transmitir aos filhos e permanecer no clube por décadas, por vezes, deixando de lado a posição adquirida em outros espaços sociais devido a sua escolaridade ou rendimentos econômicos, estava ancorada no amor ao futebol. Não a qualquer futebol, mas aquele jogado no Mirante Esporte Clube. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).

Ao realizar uma análise da dimensão simbólica e instituinte do ritual de preparação para os jogos no clube, identificamos que os momentos de socialização antes dos jogos, os atos ritualísticos dentro do vestiário e os momentos pós jogos, eram espaços importantes não só do ponto de vista da crença e da superstição, mas também na instituição social. Para os jogadores mais jovens, chegados recentemente ao clube, significava passar a fazer parte da “Família”, “Ser Mirante”. Já para os agentes pertencentes à família, o próximo passo viria em longo prazo, com suas instituições ao posto de “veterano”. (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2018).



Entretanto, estas transições entre aprender a gostar de futebol e do Mirante E. C., aproximar a família e permanecer no clube por décadas, até tornar-se veterano, não ocorriam de forma harmônica. Como destaca Hall (2012) a identificação estabelecida através do reconhecimento de uma origem, características ou um ideal em comum, com uma pessoa ou grupo, é um processo nunca completado. Deste modo, embora possua recursos materiais e simbólicos para sustentá-la, ela jamais anulará a diferença.

Assim, a manutenção da identificação é realizada através de um processo, em que as diferenças realizam a marcação de fronteiras simbólicas. (HALL, 2012). Portanto, nunca haverá um equilíbrio completo, pois ao mesmo tempo em que haverá uma identificação demasiada, existirão também agentes pouco engajados. No Mirante E. C., em meio a este processo foi possível verificar a saída de alguns agentes, a entrada de outros, a busca pela preservação das práticas e valores ou os conflitos por mudanças.

O retorno ao estádio do clube em 2019 para construção da tese, descrito nos diários de campo como inquietantes, devido as modificações em sua gestão do clube, deixavam claro como o processo de identificação encontra-se sempre em constante transformação. Deste modo, passamos a perceber a necessidade de se olhar para os agentes sociais do campo, não apenas pelo seu posto, isto é, o torcedor, o jogador, o técnico ou o gestor. Mas sobretudo, pela sua identificação aos valores e práticas vivenciadas coletivamente.

Assim, duas categorias distintas, porém interdependentes emergiram. A primeira delas foi o “Clube”, composto por torcedores, familiares, veteranos, gestores, presidente, técnicos e jogadores, que possuíam laços afetivos com o Mirante. Não obstante, com o anúncio do calendário do campeonato amador, feito pela Liga de Futebol de Ponta Grossa no início de cada ano, emergiam atritos entre estes agentes, sobre o que seria melhor para o clube.

Por um lado, aqueles que defendiam a formação de times competitivos, mesmo deixando de fora jogadores que possuíssem relações identitárias com o clube, mas que não fossem habilidosos o suficiente, perante o nível de jogadores almejados. Por outro, aqueles que acreditavam que a melhor estratégia seria apenas completar o elenco, tendo como base os jogadores envolvidos emocionalmente com o Mirante.

Por este motivo, além do clube, foi necessário olhar para “os times do clube”, como categoria de análise. Estes por sua vez, eram formados anualmente por jogadores e técnicos que possuíam sentimentos ou não pelo Mirante. Este olhar para a formação do time foi importante, pois independente dos atritos no interior do clube, em maior ou menor número, os jogadores que não possuíam relação com o clube eram importantes, pois sem eles, os times do clube não se formavam. Destarte, buscaremos demonstrar nas páginas seguintes, como ocorrem estas relações sociais, no interior do Mirante E. C. e na formação de seus times.



### 3.1 O MIRANTE ESPORTE CLUBE: UM TIME FAMILIAR TEM FUTURO?

Ao longo das observações *in loco*, percebeu-se que os clubes que disputam o campeonato amador de Ponta Grossa possuíam motivações distintas, devido aos diferentes pontos de vista sobre o que, de fato, estava em jogo. (HUIZINGA, 2000). De acordo com Bourdieu (2004) o campo social pode ser compreendido como um espaço de posições, onde os agentes sociais encontram-se localizados em um determinado ponto, a partir do seu nascimento e da sua trajetória. A cada posição, corresponde um ponto de vista distinto, por vezes antagônicos, sobre o sentido das relações sociais que nele acontecem.

Os clubes sociais emergiram em Ponta Grossa, como catalisadores de pessoas de mesma origem étnica, financeira ou ideológica. Nos clubes sociais em que o futebol se apresentava como esse elemento aglutinador, o envolvimento emocional não só dos jogadores, mas também de seus familiares tornou-se bastante significativo. (FREITAS JR., 2000).

Identificou-se na realidade do campeonato amador da cidade de Ponta Grossa, a partir do Mirante Esporte Clube, tipos<sup>7</sup> distintos de clubes, que foram organizados em 5 categorias, são elas: os Clubes de Vila, os Clubes Social, os Clubes Associativos, os Clubes Empresa e os Clubes Visitantes. Considerou-se nesta categorização, as características comuns entre os clubes e as que os distinguem dos demais grupos, como por exemplo, as formas de “luta”, as estratégias ou as “táticas” adotadas pelos agentes individualmente e de forma coletiva.

O Mirante Esporte Clube, pode ser compreendido como um Clube Social. Embora estes clubes tenham passado por um processo de construção de um estatuto, formação de diretorias e regulamentação oficial, como possuir CNPJ. Nem sempre houve por parte dos gestores destes clubes, o cuidado com a preservação destes documentos. No Mirante E. C., por exemplo, estes documentos já existiram, no entanto, o que regia a organização do grupo e a hierarquia das posições, eram os valores transmitidos através das vivências cotidianas e dos ritos.

Por este motivo, nem sempre havia clareza sobre as funções de cada um na estrutura do clube, os agentes que se envolviam na gestão buscavam, dentro de suas possibilidades, maneiras de contribuir para a manutenção e melhora na estrutura do espaço. A única função estabelecida anualmente foi a do técnico do time principal e do time máster. As duas categorias em que o clube buscava disputar o campeonato amador de Ponta Grossa.

Não obstante, os clubes sociais possuíam um grau maior de organização para as competições, se comparados aos Clubes de Vila, por respeitarem uma hierarquia simbólica e por manterem

---

<sup>7</sup>Durante a descrição do campo futebolístico amador pontagrossense, Freitas Jr e Oliveira (2020) realizaram uma categorização dos clubes em 4 tipos, são eles: Clubes de Vila, Clubes Empresa, Clubes Visitantes, Clubes Associativos/Sociais. Porém, durante o processo de reflexão sobre o que já havia sido produzido, para encontrar possibilidades de avanço. Percebeu-se que seria necessário subdividir a última categoria. Embora os clubes Associativos e Sociais possuíssem muitas semelhanças, o não pagamento de mensalidade, no caso dos clubes sociais, modificava consideravelmente as ações dos agentes pertencentes a estes locais no campo. Deste modo, adotaremos no presente texto, a divisão em 5 tipos distintos de clube. Como a caracterização destes clubes, já foi realizada de forma mais densa (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2020), realizaram ao longo do texto, descrições a partir do Mirante Esporte Clube.



atividades ao longo do ano todo, sejam os jogos válidos pelo campeonato amador, seja por peladas, jogos treino ou jogos festivos. Outra de suas características é a inexistência de pagamento de mensalidades. Somada ao descrito acima, estes elementos os distinguem dos clubes associativos.

Porém, o fato de não possuírem uma receita fixa e disponível para participar das competições amadoras organizadas pela Liga, os colocava em uma posição de desvantagem, se comparados aos Clubes Cidades, Clubes Empresas ou Clubes Associativos. Os clubes sociais dificilmente possuíam patrocinadores e a busca por algum eram sempre difíceis. Ao longo do período em que acompanhei o Mirante E. C., envolvi-me em diferentes ações que faziam parte das práticas dos agentes que compunham o clube. Dentre elas, a busca por patrocínios.

Na tarde deste sábado, por volta das 13:30, do dia 18 de março de 2017, recebi uma ligação do Wagner<sup>8</sup> avisando que devido ao sorteio a equipe do Mirante E. C. não jogaria no dia seguinte. Eu agradei a ligação, mesmo já sabendo daquela informação, em seguida ouvi o real motivo da ligação, era um convite para ir até um material de construção da cidade, realizar um pedido de patrocínio. Imediatamente concordei, pois já havia o auxiliado na construção de um projeto de patrocínio. Combinamos de nos encontrar as 15 horas no estabelecimento, junto com ele, também foi o Caio, que inicialmente descrevi em meus diários de campo como o dono do bar, mas que identifiquei ser um faz tudo e acima de tudo, que possui uma identidade com o clube. Após nos cumprimentarmos, entramos no material de construção e conversamos com um dos funcionários que imediatamente foi chamar o gerente. A conversa não durou mais do que dois minutos, Wagner se apresentou e com o projeto de patrocínio na mão, contou rapidamente um pouco da história do clube e disse ao gerente o que precisávamos. Na primeira pausa da fala, ele foi interrompido pelo gerente, que disse não ter interesse, em seguida despediu-se alegando ter outras demandas. Com poucas palavras, em direção ao estacionamento, onde havíamos estacionado os carros, Wagner e Caio se despediram. Através da mudança na expressão e do tom de voz, percebi que ele havia sentido um golpe, talvez pela hostilidade na resposta. (DC, 18/03/2017).

Em conversas posteriores, percebi que o desanimo de Wagner, devia-se as seguidas vezes que ouviu não, aos pedidos de patrocínio. Sem estabelecer julgamentos sobre a sua forma de abordagem, era possível entender seu incomodo, por não possuir capital econômico suficiente para bancar as despesas das competições ou a falta de capital social e político, para conseguir parcerias. Estas questões formam apontadas pelo próprio Wagner em outras ocasiões.

Deste modo, o grupo buscava outras formas de angariar recursos financeiros, as principais eram o aluguel do campo para equipes que disputavam o campeonato e não possuíam estádio ou para equipes de jogadores que buscavam um espaço adequado para a prática do futebol de campo, as tradicionais peladas<sup>9</sup>. Além da venda de bebidas nos dias de jogos do campeonato amador ou peladas.

---

<sup>8</sup>No decorrer da investigação, optou-se por trabalhar com nomes fictícios, como estratégia que visa preservar os sujeitos do clube no qual realizou-se as observações in loco. Esta opção decorre do grau de envolvimento estabelecido pelo pesquisador, ao ser aceito em várias camadas do grupo investigado, desta maneira sendo possível circular por diferentes subgrupos existentes dentro do próprio clube.

<sup>9</sup> O termo “pelada”, na linguagem futebolística, refere-se a um jogo de caráter “lúdico”, no qual algumas regras, como a presença de árbitros, a uniformização das equipes, as substituições ou o tempo de jogo são definidas em comum acordo entre as equipes. No caso específico do amador pontagrossense, são realizadas aos sábados à tarde, feriados ou domingos pela manhã, quando não há jogo do amador.



Estas fontes de renda juntas, somadas a alguma doação, por parte de agentes que possuíam laços de afetividade com o clube, possibilitavam o pagamento do salário de um caseiro, contas de água e luz, manutenção do campo e em parte, os gastos com arbitragem, taxa de inscrição nos campeonatos e de filiação a Liga. Como os valores financeiros nem sempre eram suficientes, comumente o clube realizava almoços, com a venda de ingressos ou rifas para arrecadação de fundos para reformas ou reparos na estrutura física do local.

Fotografia 1 - Registro aéreo do estádio do Mirante Esporte Clube.



Fonte: Os autores.

Fotografia 2 - Veteranos e torcedores do Mirante Esporte Clube aguardando o início do jogo válido pelo Campeonato Amador.



Fonte: Os autores.

Fotografia 3 - Meninos jogando futebol após o término de uma partida do Mirante Esporte Clube, no Campeonato Amador de Ponta Grossa, enquanto seus pais/jogadores socializavam no bar do clube.



Fonte: Os autores.

Fotografia 4 - Vestiários do Mirante Esporte Clube. A direita o espaço destinado ao clube, a esquerda para os visitantes e no centro o vestiário dos árbitros.



Fonte: Os autores.

Fotografia 5- Torcedores, familiares e veteranos acompanhando uma partida do Mirante Esporte Clube.



Fonte: Os autores.

Fotografia 6 - Jogo treino entre o os times Máster e Principal do Mirante Esporte Clube. Antes do início das competições amadoras de 2017.



Fonte: Os autores.

Fotografia 7 - Festa Junina realizada no Mirante Esporte Clube para arrecadação de fundos.



Fonte: Os autores.

Fotografia 8 - Torneio de futebol suíço realizado no Mirante Esporte Clube para arrecadação de fundos.



Fonte: Os autores.

Para reduzir os custos, estas pequenas reformas eram realizadas através de mutirões. Ao longo do período em que observei o clube, participei de alguns deles.



Ao chegar no estádio do Mirante neste sábado, as 8:00 horas pela manhã, tive a sensação de que causei certo espanto por parte dos veteranos, alguns jogadores e alguns membros da equipe técnica do clube. Quando Wagner me informou por telefone que não haveria pelada no próximo sábado e que aproveitariam o dia para fazer algumas reformas no estádio, para o início do ano, ele não esperava que eu estivesse falando sério, quando disse que os ajudaria. Provavelmente eles haviam combinado um horário anterior, pois ao adentrar no bar do estádio, onde os encontrei, a maioria estava finalizando o café. Uma panela com virado e ovos quase vazia na bancada e os pratos na mesa, um deles ainda sendo degustado por um dos jogadores, revelava que haviam combinado de tomar café junto. Foi possível perceber que Wagner ficou “sem jeito” por não ter me convidado para vir antes, talvez achasse que eu não viria mesmo, ou que eu não toparia se fosse mais cedo, ou ainda que eu não me juntaria a eles para comer virado com ovo (Wagner é um dos agentes que mais está demorando para esquecer que eu sou professor do ensino superior, sinto que isso é uma barreira para ele falar quaisquer coisas, de qualquer forma, perto de mim). Mas tratei logo de quebrar o clima, mencionando justamente o fato, dizendo: - Porra Wagner, me passou o horário só para perder um viradão desses. Sacanagem! Como não havia mais o que eles me oferecerem, tratei logo de dizer que da próxima não queria perder o café, pois comer virado pela manhã me lembrava a infância na casa de meus avós. Realmente lembrava. Em seguida aceitei o café, oferecido por ele, ao mesmo tempo em que dividíamos o que cada um faria. Alguns jogadores, que trabalhavam na construção civil, ocuparam-se de instalar portas nos banheiros masculinos e femininos, as quais um deles havia ganhado em uma obra. Outros, foram para os vestiários, fazer uma nova pintura e parafusar alguns ganchos para os uniformes com número e nome de cada jogador, pois muitos continuariam representando a equipes naquele ano. Com mais alguns, eu fui para o campo, pintar os muros do alambrado, corrigir falhas na tela, cortar o gramado, pintar as linhas. O clima era descontraído, um jogador ligou o som de seu carro, motivando piadas quando a música não agradava um ou outro agente. Próximo do meio-dia, cada um contribuiu com o que podia, para comprar carne, linguiças e pão, assados por Caio, enquanto continuávamos trabalhando. Quando estava pronto, ele nos chamou, abrindo apenas 4 garrafas de cerveja, justificando que era o suficiente para comermos e não abandonarmos o trabalho. Durante o almoço, as conversas giraram em torno de assuntos familiares, filhos, profissão e o futuro do clube. A necessidade de envolver mais jogadores naquelas ações apareceu como prioridade. Sendo necessário pensar em estratégias, investir mais no clube. Um jogador veterano começou a levar o assunto para o imaginário, apontando para os espaços do clube, sugeria onde poderiam ser criadas as piscinas, o campo de society, o parquinho para as crianças etc. Após as conversas irem para o campo do imaginário, retornamos ao “mundo real” e continuamos o trabalho até o final da tarde. (DC, 21/01/2017).

Porém, mesmo com todas estas iniciativas, nem sempre era possível arrecadar a quantia necessária para manter a equipe nas competições. Isso impactava diretamente na forma e nos objetivos do Mirante E. C. nos campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa.

Durante as observações realizadas entre os anos de 2013 e 2018, para os agentes que comandavam o Mirante E. C., os campeonatos amadores eram acima de tudo, espaços e para socialização e confraternização. A lógica familiar descrita por Oliveira e Freitas Jr (2020) ajuda a entender esta percepção. Por este motivo, em torno dos alambrados, arbitrais e reuniões de representantes de clube, sempre surgiam discussões sobre as diferenças de poder entre as equipes amadoras. Para alguns a Liga deveria se profissionalizar, o primeiro passo para isso seria filiar-se novamente a Federação Paranaense de Futebol. Para outros, a flexibilidade e dificuldades fazia parte do espírito do amadorismo.

Tensões semelhantes foram identificadas por Myskiw e Stigger (2014, p. 448), no circuito municipal de futebol em Porto Alegre. Segundo os autores, nas reuniões com os representantes das



equipes “não raramente, emergiam disputas entre aqueles que discursavam por uma organização mais próxima do profissional e, em contraponto, os que defendiam que a várzea não é o profissional”.

Essas discussões afloraram-se em 2016, quando a Liga realizou o campeonato amador principal em duas fases. Na primeira, os mais bem colocados de cada grupo, classificaram-se para uma fase final, que seria considerada no ano seguinte a Série Ouro do campeonato amador pontagrossense, já os times que não se classificassem, disputariam a Série Prata. O objetivo era criar duas divisões mais equilibradas no campeonato amador principal de 2017, porém a decisão não se manteve, pois, o Mirante E. C. e outras equipes que jogariam a Série Prata, se recusaram a jogá-la se a divisão se mantivesse.

Esta situação é instigante, pois ao mesmo tempo em que os gestores do Mirante E. C., enfrentavam dificuldades para manter as atividades e a estrutura do clube, inclusive estabelecendo objetivos mais singelos nas competições amadoras, como a classificação para as fases eliminatórias, eles não se viam como um clube pequeno.

Um ponto de ancoragem para essa percepção era a história do clube, para alguns veteranos, que haviam participado de conquistas, como o título amador da década de 1990, seria inaceitável ver o clube disputando uma competição contra times criados naquele ano (2017) ou sem a mesma tradição. No início do ano de 2017, presenciei a beira do alambrado uma destas conversas, entre alguns veteranos e o técnico da equipe.

O jogo entre o time máster e o time principal do Mirante estava nos 30 minutos do segundo tempo, aproximadamente, quando seu Sebastião chamou Caio [então técnico, mas que posteriormente pleitearia a presidência do Mirante E. C.] e perguntou a ele como havia ficado a situação do Mirante. Sebastião referia-se a queda do clube para a série prata no ano anterior. Em seguida disse que aquilo não existia, que o Mirante E. C. tinha muita história e seria vergonhoso disputar uma segunda divisão inventada. Em seguida, Caio disse que não jogariam, que já haviam conversado com outras equipes que disputariam a prata, para se recusarem a jogar, caso a Liga de Futebol de Ponta Grossa, mantivesse a divisão. Seguido por comentário de concordância (tem que fazer isso mesmo) e balançares de cabeça de outros veteranos que estavam na roda. Caio disse que havia marcado um jogo entre os Mirante e o Clube de Vila, para aproveitar o encontro e trazer mais um time para o nosso lado. Antes do assunto mudar, mais uma vez, seu Sebastião disse: “– Isso mesmo, tem que bater o pé, nós não entramos em campo em campeonato de três ou quatro times. O Mirante é um dos times mais antigos, essa ideia não deu certo, tem que acabar com divisão, é amador e pronto. Sempre jogamos de igual para igual contra esses times que pagam jogador, já fomos campeão inclusive. Não vai ser agora que vamos ter medo deles. Ano passado erramos, inventamos moda, agora é virar a página e montar um time bom”. (DC, 29/01/2017).

Como o histórico do Mirante E. C. nos campeonatos amadores era de cair na primeira fase ou nas quartas de final (primeira fase eliminatória, após a fase de grupos), apenas em duas ocasiões (amador Máster 2017 e Divisão Especial 2020), a equipe chegou às semifinais. Sempre ouvi discursos sobre a necessidade de se criar times mais competitivos, ou seja, mesmo que os agentes tentassem justificar as suas campanhas na competição, a objetivos e princípios, não possuir equipes competitivas abria margem para questionamentos sobre o “trabalho” desenvolvido por aquele grupo de agentes.



Após a desclassificação do Clube no campeonato amador Divisão Especial de 2016 (que o levaria a disputa da série prata), surgiu a proposta de reorganização hierárquica no clube, através de uma diretoria. Pois era necessário criar times mais competitivos, mas para isso, uma gestão organizada seria fundamental. No momento, eu estava a cinco anos acompanhando o clube em todos os amistosos que participava, jogos-treino, campeonato amador principal e máster (acima de 35 anos). Por este motivo, recebi o convite de Wagner, para ser um dos membros da diretoria do clube.

Vendo que mais uma camada de aceitação<sup>10</sup> havia sido rompida, disse sim para o convite e participei da primeira reunião da nova diretoria do clube, no dia 24 de março de 2017. Quando me atribuíram a posição de 1º Secretário da diretoria. Após mais de um mês, dia 09 de maio de 2017, realizamos a segunda e última reunião da diretoria.

O principal assunto abordado na reunião foi uma notificação judicial, referente a uma dívida antiga do Mirante Esporte Clube, no valor corrigido de sessenta e dois mil oitocentos e vinte e quatro reais e vinte e oito centavos (R\$ 62.824,28), acumulada devido a não isenção do IPTU em um período de aproximadamente quatorze anos. Após discussão, definiu-se que seria necessário, procurar com urgência um advogado para verificar as possibilidades de negociação da dívida do clube. Outra questão levantada por um dos membros da diretoria foi a necessidade de zelar-se pelo ambiente familiar construído, sendo responsabilidade de todos os membros da diretoria mediar e agir diante de situações que entrem em conflito com este valor. A situação foi levantada, porque em uma pelada realizada anteriormente, um jogador bebeu mais do que devia e “deu em cima” da esposa de um dos jogadores, enquanto ele estava em campo. Deliberou-se também sobre a necessidade de levantar recursos para o pagamento dos demais gastos do clube. Assim encerrou-se a reunião com o compromisso dos membros, de pensarem em possibilidades para arrecadação de fundos, seja: uma feijoada, um bingo ou uma Festa Junina. Ao término da reunião, em conversa paralela com Wagner, fui informado de que precisaria das atas, para levar aos conselheiros, para que eles reconhecessem a nova diretoria, isso me deixou confuso, pois estávamos realizando uma reunião da diretoria. (DC, 09/05/2017).

Depois daquele encontro, conversamos em vários outros momentos no estádio, porém Wagner não mencionava a realização de novas reuniões da diretoria. No grupo de WhatsApp, criado por mim a pedido de Wagner, o silêncio prevalecia. Até que durante uma de nossas conversas, saindo do campo após o término de uma das partidas do amador, ele mencionou a não aprovação dos conselheiros, de seu nome como presidente.

Questionado sobre o que seria e quem fazia parte deste conselho, ele me respondeu que houve uma época em que o Mirante teve um momento formal, com criação de um novo estatuto e um conselho, que teria como objetivo dar suporte a diretoria e zelar pelos patrimônios do clube (estádio). Citou o nome de um deles, um ex-vereador da cidade, mas buscou logo mudar de assunto, aparentando ficar em um estado melancólico ao falar sobre o tema. Em seguida, disse que manteria o trabalho no

---

<sup>10</sup> Ser aceito pelo grupo social estudado é parte fundamental da investigação (juntamente com a capacidade construir descrições densas), o qual influenciará diretamente no tempo em campo e atestará o sucesso ou o fracasso da pesquisa. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020).



clube, que independente da decisão “deles”, pretendia seguir ajudando o clube no que fosse possível, em qualquer posição. (DC, 11/06/2017).

Deste modo, a proposta de criação de uma diretoria oficializada foi perdendo força nos diálogos e a gestão do clube retornou as características dos anos anteriores. Assim o Mirante seguiu participando do Campeonato Amador Principal de 2017 e participou do Campeonato Amador Máster de 2018, no último, os custos com arbitragem já estavam sendo custeados por alguns jogadores do time. No entanto, devido as dificuldades financeiras, os agentes que faziam parte do grupo responsável pelas tomadas de decisão no clube decidiram não inscrever o Mirante E. C. na competição principal daquele ano. O que fomentou muitas conversas paralelas nos estádios em que as partidas do amador principal aconteciam, pois a não participação de uma equipe tradicional como a do Mirante, era motivo de estranhamento.

Neste contexto, o nome do Roberto entra em cena e passa a ser apontado como a pessoa que assumiria o clube no ano seguinte. Ele foi um jogador do Mirante E. C. na década de 1990, período em que o clube conquistou seu último campeonato amador de futebol. Em suas redes sociais, expõe orgulhosamente as fotos do tempo em que jogou no clube, sempre acompanhado de seus filhos, os quais também o acompanharam na gestão do Mirante E. C. quando ele assumiu a presidência. Portanto, tratava-se de um ex-jogador do Mirante E. C., que possuía fortes sentimentos de identificação com o clube, mas que havia se distanciado do clube.

Ciente das mudanças que estavam por vir, retornei as observações em 2019, no jogo entre Mirante e Clube de Vila, na casa do clube de vila, válido pela primeira rodada da competição.

Se não fossem as camisas do Mirante E. C., levaria muito mais tempo para reconhecer no elenco os poucos jogadores que já haviam vestido a camisa do clube em outra ocasião. Nas conversas de alambrado, agentes sociais que acompanhavam ativamente jogos do amador, falavam da nova equipe do Mirante. No alambrado do meu lado esquerdo, um homem com aproximadamente 40 anos, contava a outro, que o técnico do Mirante, havia sido goleiro do Operário Ferroviário Esporte Clube, equipe profissional da cidade, e que nos últimos anos estava trabalhando como técnico, na suburbana, competição amadora de Curitiba. Outro grupo, falava dos jogadores do Mirante E. C., que nenhum deles era daqui que todos eram da suburbana e campo-larguense. Embora não fosse completamente verdade, pois consegui identificar alguns jogadores de Ponta Grossa. (DC, 17/02/2019).

Diferente dos agentes que se propuseram a integrar a diretoria do clube em 2017, Roberto possuía um capital futebolístico maior. Isso possibilitou o estabelecimento de algumas parcerias, efetivadas através de mudanças estruturais nas dependências do clube, como pintura, construção de muros em um local antes aberto ou novos uniformes (inclusive para comissão técnica).

Outra mudança significativa, foi vista em um dos momentos mais importantes para os jogadores do Mirante E. C. de anos anteriores, o rito de preparação para os jogos. Diferente da chegada com antecedência, para tomar um café e comer pinhão, nos domingos de inverno, quando o jogo era realizado pela manhã, que fomentava conversas informais, sobre o cotidiano de cada jogador. Os jogadores chegavam diretamente para o vestiário do clube, alguns vinham juntos dividindo o carro,



outros sozinhos, mas o clima era menos descontraído, os diálogos entre os jogadores mais técnico e voltados para o campeonato amador.

Os discursos performáticos, que envolviam histórias vividas no clube, que reforçavam a noção de família (FREITAS JUNIOR; OLIVEIRA, 2018) perderam espaço para o discurso individual, “mostre para eles quem você é” proferido não a um jogador, mas ao coletivo. Outro momento que mudou completamente o sentido, foram os encontros no bar, pós partida. O tradicional churrasco era realizado, mas os jogadores permaneciam apenas em caso de bons resultados em campo ou se existisse um motivo para a comemoração. Alguns aguardavam os primeiros pedaços de carne, se serviam e logo depois se despediam dos companheiros alegando outros compromissos, futebolísticos ou não. Após uma hora do término da partida, ficavam apenas os veteranos e ex-jogadores do Mirante, no bar do clube.

O presidente do Mirante E. C. também enfrentou dificuldades para manter os jogadores vindos de fora no elenco, tanto por questões econômicas, quanto por disputa de posições. Pois para os vindos de fora, a titularidade era exigências, para aqueles que aceitaram jogar sem qualquer ganho, o jogador que ocuparia sua posição, deveria ser melhor do que ele. Naquele ano, a posição mais problemática foi a de goleiro. No início da preparação para competição, havia dois goleiros que já jogaram pelo Mirante em anos anteriores, ambos de titulares, nos respectivos anos. Como a proposta era criar um elenco forte, os dois concordaram em criar uma sistemática de revezamento, no entanto, com a vinda dos jogadores e técnicos de fora (Porto Amazonas, Irati, Palmeira e Curitiba), surgiu a presença de mais um goleiro, que veio para ser titular.

Deste modo, um dos goleiros de casa, buscou outra equipe para disputar a competição. Após algumas partidas, começou a existir uma pressão por parte dos veteranos, jogadores e do Roberto, para que o técnico dessa mais oportunidade para o goleiro local, pois na primeira rodada, ele havia feito um bom jogo, mas na sequência dos jogos foi substituído. Quando o pedido foi atendido e o goleiro local passou a jogar um tempo e depois iniciar o jogo como titular, o goleiro de fora recusou-se a vir de outra cidade para ocupar a posição de reserva. Com ele, mais alguns jogadores abandonaram a equipe e o Mirante, mais uma vez, sofreu com a falta de goleiro.

Em um dos últimos jogos da fase de grupos, o único goleiro da equipe foi expulso, por brigar com um jogador do próprio time. Fato muito semelhante ao ano de 2016, quando devido as mesmas situações disputei um jogo do campeonato amador pelo Mirante E. C. (OLIVEIRA, 2018), porém desta vez um jogador de linha ocupou o papel no jogo seguinte. Neste ano, o Mirante E. C. encerrou sua participação na nona colocação do campeonato, muito aquém das expectativas do presidente.

O ano de 2020 iniciou com uma formação diferente da equipe, o presidente Roberto, decidiu que seria também o técnico da equipe do Mirante e para auxiliá-lo, contou com seus dois filhos. Neste ano, a base da equipe não foram os jogadores pagos, mas um grupo de jogadores que disputavam



competições de clubes associativos juntos, que levava o nome da casa noturna da qual os filhos de Roberto eram sócios. Somados a estes jogadores, foram reincorporados alguns jogadores das peladas, que jogaram o amador de 2017 ou antes disso.

Ao longo das rodadas foi possível identificar a força das relações entre os jogadores, os quais mobilizaram um número significativo de torcedores jovens ao estádio. Diferente da presença marcada por veteranos e esposas de jogadores, os jogos em casa do Mirante, contavam com a presença de muito amigos homens, que justificavam ir torcer pelos “parceiros” que jogavam juntos em peladas, futebol de clube ou competições universitárias. Além destes amigos, existia uma presença expressiva de mulheres, algumas esposas ou noivas, mas a maioria, namoradas ou amigas das namoradas e dos jogadores.

Além da partida e das tradicionais rodas para tomar cerveja, alguns jovens dividiam um narguilé, que gerava certo desconforto por parte dos veteranos. Os momentos precedentes e posteriores a partida também contavam com um grupo de pagode da região, que tornava o jogo um espaço potencializados de sociabilidade. De acordo com Simmel (2006) a sociabilidade deve ser compreendida como uma maneira através da qual os indivíduos se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade, motivados por interesses em comum, sejam eles momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes.

Não obstante, nas relações de sociabilidade as alegrias individuais encontram-se ligadas a felicidade coletiva. Por esse motivo a sociabilidade segundo Simmel (2006) transfere todas as exigências de “caráter sério e até mesmo trágico em muitos sentidos, para o plano do jogo simbólico de seu reino de sombras, no qual não há atritos, justamente porque as sombras não podem colidir umas com as outras”. (SIMMEL, 2006, p. 78).

Tal como aponta Simmel, naquele time do Mirante, a profundidade das relações, não avança ao ponto de os jogadores dividirem coletivamente seus problemas ou suas lutas cotidianas, fundamentais para construção de relações duradouras, tanto entre os jogadores quanto com o clube. Assim, mais uma vez, não se conseguiu nos diários de campo, identificar uma relação de pertencimento ou afetividades com o Mirante E. C.

Não obstante, para entender melhor os motivos por trás desta mudança de gestão no Mirante E. C., e porque, mesmo com mais articulações no campo, o novo presidente enfrentou dificuldades para formar o time e principalmente engajá-los ao clube através de laços afetivos, foi necessário olhar para o processo de formação dos times que representaram o clube.

Para tanto, recorreu-se a uma tipologia dos jogadores, descrita por Oliveira e Freitas Jr (2020), que a partir das motivações dos jogadores dos clubes que disputaram o campeonato amador de futebol de Ponta Grossa, identificam quatro tipos distintos, são eles: 1) Aqueles que jogam devido à identidade com o clube; 2) Aqueles que jogam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade; 3) Aqueles



que jogam devido ao amor pelo futebol e; 4) Aqueles que jogam devido aos benefícios ou remunerações. No entanto, o foco da presente análise foi olhar apenas para o Mirante E. C. tentando compreender como a presença ou ausência destes jogadores afetavam as relações sociais estabelecidas pelos agentes que faziam parte do clube, ou seja, que direta ou indiretamente envolviam-se em sua gestão.

### 3.2 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS TIMES DO MIRANTE E. C. PARA DISPUTA DO CAMPEONATO AMADOR DE FUTEBOL

Se nos fosse solicitado, que explicássemos a alguém que nunca ouviu falar de futebol, qual era o objetivo do jogo, em poucas palavras, possivelmente diríamos que em uma partida de futebol, dois times se enfrentam em um campo, disputando a posse de uma bola com os pés, a qual era utilizada para realizar um número maior de gols que o adversário, conquistando assim a vitória. Quando há mais de dois times interessados no jogo, sistemas de disputa em formato de campeonatos, torneios ou copas são realizados, para definir entre todos os times participantes, qual a melhor equipe de futebol.

Partindo desta mesma lógica, a melhor equipe seria a que possuísse os melhores jogadores, estes por sua vez, seriam aqueles que fossem dotados das melhores capacidades físicas, habilidades técnicas (fundamentos) e consciência tática (leitura de jogo) do futebol. Neste viés, para o forasteiro, a formação de uma equipe seria bastante simples, pois bastaria reunir o melhor elenco, que as vitórias aconteceriam naturalmente e a conquista do título seria uma consequência.

Evidente que há alguns equívocos nesta leitura simplista do sentido do jogo, pois se apenas 11 jogadores de um time entram em campo, em uma partida oficial, restando a outros a posição de reserva. No interior do próprio time, já há uma disputa antes mesmo de o jogo contra um adversário começar. Neste sentido, a figura do técnico, torna-se relevante para mediar estes conflitos no elenco.

Para além da disputa interna, se há mais de um time, certamente haverá uma disputa pelos melhores jogadores. Isto faria com que nenhuma das equipes possuísse o elenco perfeito ou que um time, devido ao seu capital econômico, conseguisse ter os melhores jogadores, tornando a competição desinteressante, para todos os times que não possuíssem poder de negociação, para obter aqueles jogadores. No entanto o dedutivismo não se aplica às leis do futebol, as partidas realizadas no campeonato amador de futebol de Ponta Grossa, são um exemplo ilustrativo de tal afirmação.

Em primeiro lugar, nem sempre em uma partida de futebol amador na cidade, o objetivo era vencer. Ao longo das observações no Mirante E. C. constatou-se que apenas em alguns jogos vencer tornava-se primordial, isto ocorria nos “jogos absorventes” (GEERTZ, 2008), quando o clube enfrentava os clubes dominantes do campo, ou seja, as equipes que possuíam estrutura para compor os melhores elencos “tecnicamente”. Esta inferência evidencia-se em falas como as proferidas por um



dos jogadores do Mirante E. C., em uma conversa sobre o jogo da rodada seguinte, em que o clube jogaria contra o atual campeão da competição.

Cara. Semana que vem vai ser pauleira, vou dar o sangue, jogar muito mais bola que joguei hoje. Eu não ligo muito para a vitória, gosto de jogar e me divertir, depois tomar uma cervejinha, dar risada com a rapaziada, mas contra aqueles caras não, daqueles eu quero ganhar. Podemos perder todos os jogos depois, nem classificar, mas o gostinho de ver a cara de taxo daqueles marrento eu quero ter. Ainda mais na casa deles, até foguete vou soltar lá dentro se a gente ganhar. Se, não! Nós vamos ganhar! (DC, 28/05/2017).

Nos jogos entre equipes desiguais, quando existia um favoritismo, o desejo pelo resultado aflorava-se no interior da equipe “azarona”, pois a vitória representava perante os agentes do campo, a conquista de um troféu moral (BOURDIEU, 2008a). Para Huizinga, devido a função significativa, no jogo sempre existe alguma coisa “em jogo” que não é o resultado do jogo, ou seja, transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido à ação. Em outras palavras, todo jogo significa alguma coisa para além do seu resultado. (HUIZINGA, 2000).

Em segundo lugar, os melhores jogadores nem sempre são os mais habilidosos com os pés. Para compreender esta questão, é necessário entender quem são os jogadores de futebol amador e esta resposta só pode ser compreendida se articulada a uma terceira situação. O poder não é distribuído proporcionalmente entre os clubes, apenas alguns dominam a disputa pelo título de campeão amador de futebol, os clubes “ortodoxos” (OLIVEIRA, 2018), devido ao capital econômico que permitia aos gestores oferecerem algum tipo de remuneração financeira ou benefícios (compra de material esportivo, pagar academia, isenção de mensalidade em clubes associativos ou dias de folga nos clubes empresa), aos jogadores mais habilidosos (ex-profissionais ou aspirantes a profissão).

Deste modo, algumas equipes entram na competição sabendo que não vão vencê-la, porém fazem todo o possível para disputá-la. Não por uma esperança subjetiva (BOURDIEU, 2002) de que algo místico poderia acontecer e elas tornassem-se campeãs, mas sim a demarcação de uma posição e uma luta para mudar ou retomar o controle sobre o sentido do jogo<sup>11</sup>, este foi o caso do Mirante E. C. entre os anos de 2013 e 2018.

Entre campeonato Amador Principal e Amador Máster, ao longo de 2013 a 2021, acompanhei a formação de 13 equipes do Mirante E. C., 7 principais (o clube não participou da competição de 2018 e 2021) e 6 equipes máster (o clube não inscreveu um time no campeonato amador de 2019, 2020 e 2021). Ao longo destes 8 anos, a lógica de formação das equipes sofreu um rompimento no segundo semestre de 2018, com a ausência da equipe no campeonato amador principal, que culminou com a mudança na gestão do clube. Por este motivo, iniciaremos apresentando o processo de formação da equipe entre os anos de 2013 e 2018.

---

<sup>11</sup> De acordo com o Bourdieu (2008a), ter o sentido do jogo significa “ter o jogo na pele”, dotar-se de um senso histórico.



Nos times máster do Mirante E. C. que observei serem formados, categoria criada para jogadores acima de 35 anos, nunca houve o pagamento de qualquer valor aos jogadores, pelo contrário, em momentos de “crise” alguns veteranos que ainda jogavam nesta categoria e possuíam uma relação afetiva com o clube, costumavam dividir o valor pago para a arbitragem em cada jogo. Mesmo que ficassem no banco de reservas, isso não os impedia de continuar contribuindo com o clube.

No campeonato amador principal, o Mirante E. C. também não pagava seus jogadores. Isso não era um problema, porém diferente do time máster, dividir as despesas da competição era inadmissível para os jogadores do time, pois significa no contexto da cultura futebolística local, pagar para jogar na categoria principal. Fazer isso, reduziria drasticamente o valor simbólico de ser convidado por um clube para compor o time de futebol naquele ano.

Em meio a estas limitações e dificuldades, os dirigentes do Mirante E. C. precisavam formar seus times todo ano. Deste modo, a base dos times principal ou máster, eram os jogadores que possuíam uma identidade com o clube. O mesmo ocorria com outros clubes sociais e clubes de vila, mas distinguia-se dos Clubes Cidade, Empresa e Associativos, que priorizavam o rendimento em campo dos jogadores e os bons resultados da equipe.

Este tipo de jogador, não fazia só parte do time, mas sim do clube Mirante. Quanto menos estruturado fosse o clube, maior seria a importância destes agentes na dinâmica do grupo, ao passo que, se vários destes jogadores saíssem ou se afastassem ao mesmo tempo, haveria uma grande chance de o clube fechar suas portas.

Uma característica marcante destes jogadores é que eles permaneciam em um mesmo clube por anos ou até décadas, e, em vários casos, após “pendurarem as chuteiras”, estes continuam frequentando o clube, envolvendo-se em atividades administrativas ou apenas acompanhando os jogos através dos alambrados. Recorrendo à discussão de identidade, apresentada por Bauman (2005), verifica-se que para este grupo ela é construída e, principalmente, estimulada (no sentido de uma manutenção constante), por laços emocionais e afetivos de longa duração.

A presença dos familiares também era frequente e fundamental. Avós, pai, mãe, tios, esposa e filhos estão entre os torcedores. Pode-se destacar as esposas e filhos(as) como mais participativos. Algumas mais tímidas acompanham os jogos quietas, torcendo silenciosamente, outras, porém gritam frases motivacionais para o esposo e o time como: “Vai amor!”, “Vamos time!”, “Mostre/Mostrem quem manda!”, entretanto, outras optam por tirar sarro da atuação do esposo em campo, gritando frases como: “Não me envergonhe!”, “Como vai aguentar correr com essa barriguinha?” (no caso dos jogadores acima do peso); “Se errar mais um gol não vai para casa”; entre outros, sempre acompanhados por risos. Quanto a presença das esposas no alambrado e nas rodas de sociabilidade, churrascos e festividade, vale destacar que o fato delas não entrarem em campo, não atesta uma secundariedade ou um papel coadjuvante nas relações sociais do clube.



Um primeiro passo para refletir sobre essa questão é modificar o olhar sobre o alambrado, o qual poderia ser definido como a tela que separa o campo de jogo da arquibancada, que distingue os jogadores dos torcedores, os bons (homens mais habilidosos) e os ruins (homens menos habilidosos ou mulheres). Não obstante, estar à beira do campo, não significa ser ruim, a presença dos veteranos - posto almejado pelos jogadores mais novos (FREITAS JR; OLIVEIRA; PERUCELLI, 2019) - atesta o quanto o futebol amador é mais do que chutar uma bola. As jocosidades futebolísticas no alambrado, emergentes das interações com o que ocorre no campo, permitem-nos perceber o quando o futebol amador de Ponta Grossa é uma prática corporal, mas também linguística.

No ponto de vista das próprias mulheres, elas sentem-se pertencentes a dinâmica do jogo que ocorre dentro e fora de campo. A importância de estar noivo no processo de aceitabilidade (OLIVEIRA, 2018), os almoços festivos apenas para casais ou a presença das esposas nas reuniões da diretoria do clube, a qual era precedida de um jantar, atestam o quanto as relações de gênero no clube, são também relações conjugais, em que acordos e trocas ocorriam, como as mencionadas por um casal, durante o almoço no clube.

Estávamos almoçando em uma mesa montada ao ar livre entre o bar e o campo do Mirante, quando Gabriel (auxiliar técnico do time na Divisão Especial) perguntou se eu e minha noiva havíamos ido a um circo que estava na cidade, respondemos que não, em seguida ele começou a relatar empolgadamente as atrações do show. Durante a fala, foi interrompido pela esposa (Édina) que comentou: “- Quem vê você falando assim, não imagina que nem queria ir” [seguido por risos]. Então ele complementa: “- Vida em família é assim mesmo. Igual quando eu comecei a vir aqui, você não queria vir. Mas foi só ver que tinha churrasco e outras mulheres, que passou a vir sempre”. Édina conclui: “- Isso é verdade, no começo vim só para ver se tinha futebol mesmo [risos], aí encontrei outras mulheres, começamos a tirar sarro de vocês jogando e ainda tinha churrasco todo final de semana. Não precisava fazer almoço e lavar louca”. No momento, minha noiva concordou com sua esposa, alegando vim ver se eu estava mesmo estudando o futebol. Neste momento, Gabriel olha em minha direção e diz que em uma vida de casal, todos precisavam ceder e fazer acordos, se o futebol era importante para eles, a família (esposa e filhos) deveria apoiar, da mesma forma, quando eles queriam fazer algo, ele deveria ser “parceiro” e acompanhar. Então finalizou explicando uma destas trocas: “- Todo domingo a gente vem cedo aqui, geralmente já almoça no Mirante E. C., depois a tarde eles decidem o que fazer, se vamos na casa de alguém, no circo, no shopping, onde for a gente vai, é o combinado. (DC, 26/02/2017).

Ao olhar para a participação das esposas na dinâmica deste espaço social, seja no alambrando, nas confraternizações ou reuniões da diretoria, não foi possível identificar o interesse em adentrar no campo de futebol. Tal contexto, leva-nos a duas interpretações, a primeira é que o futebol transcende a dimensão corporal, como já dito anteriormente. A segunda, refere-se à incorporação dos papéis sociais, neste contexto, a inexistência de um conflito atesta a naturalização de um processo sociais. (BOURDIEU, 2011).

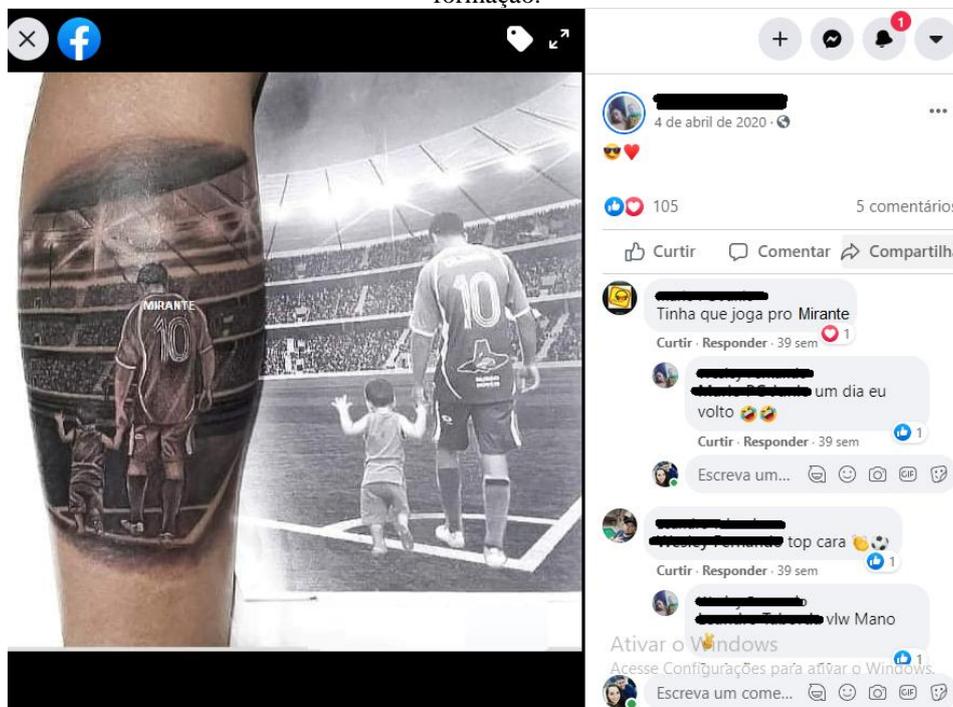
Um indício desta lógica pode ser visto ao direcionamos nosso olhar para as meninas, filhas dos jogadores, é possível observar as falas dos pais, sobre as conquistas das filhas em competições futebolísticas escolares ou a presença delas dentro de campo, nos momentos precedentes e posteriores



aos jogos, jogando com outros meninos sem qualquer distinção. Neste contexto, a prática do futebol é incentivada pelos próprios pais destas meninas, no entanto, a distinção entre os meninos e meninas ocorre com a entrada dos jogadores no vestiário. Espaço extremamente rico simbolicamente (PETROGNANI, 2017), mas restrito para as meninas. Neste contexto, o crescimento traz consigo as diferenças dos papéis de cada um no campo.

No caso dos filhos, observou-se muitos pais/jogadores que aproveitam o tempo anterior ao início do jogo e o intervalo para jogar bola com eles, os quais alegam fazer isso para ensinar a criança a valorizar o clube e tomar gosto pelo futebol. (OLIVEIRA; FREITAS JR, 2020). Um exemplo emblemático desta inferência pode ser observado através da tatuagem feita por um jogador do Mirante E. C.

Figura 7 - A relação de amor ao Mirante Esporte Clube, ao futebol e ao filho foi externada por um dos jogadores, através de uma tatuagem, a qual foi feita quando ele não vestia mais a camisa do clube, devido a mudança de gestão e lógica de formação.



Fonte: Fernando (2020).

Rica em significados, a imagem ilustra a entrada do jogador em campo, um ato cercado por superstições e crenças, como descreve Petrognani (2016) em sua tese sobre o ritual de preparação dos futebolistas para o jogo. O fato de seu filho acompanhá-lo nesta entrada, simboliza também seu desejo em transmitir ao herdeiro, o gosto pela prática futebolística. Não obstante, a representação desta ação, em um estádio lotado, que nada se parece com o cenário do campeonato amador, onde a foto foi inicialmente registrada.

Permite-nos compreender a relevância do futebol em sua vida e a imagem que ele produz de si naquele espaço e tempo. Ao menos no tempo em que dura a partida de futebol, ele não se via como um



peladeiro ou um atleta de fim de semana, mas sim um “jogador de futebol” com todo o simbolismo que esta posição social carrega no Brasil. (FREITAS JR; OLIVEIRA, 2020).

O momento em que o jogador decide fazer esta tatuagem também foi emblemático, pois com a mudança de gestão no clube (2018/19), seu nome foi cortado da lista de jogadores que comporiam o time do Mirante E. C. naquele ano, o que não reduziu a sua identificação com o clube, que em resposta a um comentário na sua rede, diz que um dia voltaria a jogar pelo time.

Para este jogador e outros, que possuíam uma identidade com o clube, as vitórias e títulos não tinham um fim em si mesmas, mas eram uma forma de associar seu nome ao clube, passando a ser conhecido no campo, como o seu Tião do Mirante E. C., por exemplo. Essas “teias de significados” (GEERTZ, 2008), tecidas ao longo das vivências no clube, eram representadas através da noção de família, onde independente dos laços consanguíneos, os jogadores utilizavam este termo para explicar o significado dos encontros.

Não obstante, a partir dos discursos dos agentes do campo, ficou evidente que a quantidade de jogadores que se enquadram nesta tipologia vinha tornando-se cada vez menor. Situação que passava despercebida em alguns clubes, porém, parecia incomodar os membros da diretoria do Mirante E. C. Deste modo, uma das estratégias utilizadas era trazer para o time, amigos de futebol, conhecidos no time do clube, da universidade, da escola, do futebol na empresa etc. Segundo eles, a relação de amizade poderia ser uma porta para criação de elos mais duradouros com o clube. Assim, além dos jogadores que possuíam uma identidade com o clube, o outro grupo que compreendia grande parte do elenco, eram aqueles que jogavam devido às relações de amizade e rodas de sociabilidade.

Os agentes que se enquadravam neste grupo, encontram-se cada vez mais próximos do grupo anterior. Porém, as ligações que os mantinham em um time se ancoravam predominantemente nos grupos de amizades em torno do futebol. Ou seja, se a maioria do seu grupo de amigos se sentisse satisfeitos, eles permaneceriam naquele time, caso contrário, o grupo buscaria outro time para disputar o amador.

O compromisso com a vitória e a busca pelo título existia, mas caso não viesse, o sentimento de frustração ou fracasso não se sobrepujam às relações de amizade, fomentadas através dos espaços de socialização. Por este motivo, estes jogadores não tinham espaço em todos os clubes, mas encontravam no Mirante E. C. certo alinhamento.

Como a maioria dos jogadores não recebia benefícios ou remunerações para compor o time, ganhar uma cerveja, um refrigerante ou um churrasco, realçava os egos. Todos, ou a maioria deles, teriam condições financeiras para comprar isso, mas o significado dessa relação estava justamente no simbolismo de receber, no sentir-se valorizado. Em um dos jogos da categoria máster do Mirante E. C., válida pelo campeonato de 2015, alguns jogadores que haviam sido substituídos e não se encontravam mais no banco de reservas, mas sim no alabrando com os demais torcedores faziam



piadas com a cerveja. Um deles alegando joga para cansar e ter mais sede, outro adentrou a conversa dizendo: “– Eu gosto de jogar bola, mas gosto mesmo é de ser substituído, para tomar uma cervejinha gelada e de graça”. (DC, 03/05/2015).

Se olharmos para o maior dos objetos de disputa entre os jogadores, o *status*, em certa medida era questionado, pois, o grande diferencial do amadorismo era a possibilidade de não seguir rigidamente os padrões oficiais de jogo. Com exceção dos jogos contra as equipes favoritas, nestes casos, o jogo era encarado com seriedade. Isto ocorria, principalmente, porque, para este tipo de jogador, as possibilidades de entrada em um clube Ortodoxo<sup>12</sup> eram bastante reduzidas, uma vez que o fato de eles valorarem mais a sociabilidade seria interpretado como falta de seriedade.

Não obstante, esta característica destes jogadores, os aproximava do Mirante E. C., que entendiam que os jogadores desta tipologia seriam potenciais membros a estabelecerem vínculos longínquos com o clube, motivo pelo qual encontrou-se muitos destes jogadores nas equipes máster e principal. Como estes jogadores ainda não possuíam tempo suficiente para se legitimar em um clube, elementos como a habilidade motora e capacidades (física, técnica e tática); o poder econômico ou político; e o carisma pesavam na decisão dos dirigentes, para que aqueles fossem convidados a permanecer na equipe, ou para que decidissem migrar para outro clube.

Além destes jogadores, um terceiro tipo de jogador procurado pelos agentes que faziam parte da diretoria do Mirante E. C., eram aqueles que jogavam devido ao amor ao futebol. Para estes, a socialização ou confraternização após cada um dos jogos não era primordial, diferente dos tipos apresentados acima, para os quais a “cerveja ou o churrasco” eram os principais motivadores dos encontros. Os jogadores deste grupo valorizavam o jogo e o resultado, em caso de vitórias e, principalmente, classificações para as fases seguintes, o “churrasquinho era merecido”, no entanto, nos casos de derrotas e campanhas ruins na competição, não se justificava a realização de festividades.

Embora no Mirante E. C. se valorizasse os momentos destinados à socialização e o espaço de confraternização, independente do resultado do jogo, via-se com frequência jogadores que se enquadravam nesta tipologia, indo rapidamente para o vestiário e para suas casas, alguns sérios, com expressões “fechadas”, descontentes. Em muitos destes casos, os jogadores acabaram migrando para outros clubes, por não concordarem com a forma como o grupo via o futebol.

Porém, os jogadores que adotavam uma postura compreensiva, entendendo que cada um enxergava o jogo de uma forma distinta e que não existia um único modo de se pensar, não eram marginalizados ou tratados com distinção pelos demais companheiros de clube, devido à não

---

<sup>12</sup>Ao dissertar sobre os elementos que compõem o campo social, Bourdieu (2011) propõe que podemos enxergar ao menos duas divisões básicas entre os agentes sociais, um deles é composto pelos ortodoxos, os dominantes do capital legítimos e das posições almejadas no campo. Em oposição, há os heterodoxos ou dominados, aqueles que buscam subverter a lógica do espaço social. No contexto do campo futebolístico amador de Ponta Grossa, usou-se a denominação clubes ortodoxos, para referir-se aos clubes que dominam o campo, tanto em títulos amadores, quanto nas decisões sobre como as competições devem ser conduzidas.



participação frequente nas rodas de sociabilidade. Pelo contrário, sua presença era destacada, tornando-se um dos alvos das gozações em grupo. Como, por exemplo, “Hoje a mulher te liberou?”; “Agradou a patroa ontem?”; “Acho que alguém não vai entrar pra dentro de casa hoje”; ou “Alguém vai apanhar quando chegar em casa”. Todas estas frases foram proferidas em tom provocativo e alto, para certificar-se de que vários sujeitos ouvissem e continuassem as brincadeiras com o jogador.

Embora os comentários fossem satíricos, tornando o ambiente descontraído, passou-se a perceber, durante as observações, que havia por trás destes discursos, uma negociação constante por parte dos jogadores desta tipologia, com seus familiares e principalmente esposas. Diferentemente das relações de proximidade, pertencimento e/ou identidade com o clube, construída por alguns jogadores, que acabava aproximando também a família ao time. O distanciamento dos jogadores desta tipologia tornava mais tênue sua negociação cotidiana para frequentar este espaço. Como pode-se verificar no trecho do DC a seguir:

Após a vitória do Mirante E. C., por três gols a dois, válida pela 9ª rodada do Campeonato Amador Máster, o clube assumiu a terceira colocação ficando a apenas um ponto do segundo colocado. A empolgação tomou conta dos jogadores e torcedores, fato que levou alguns jogadores a iniciarem uma coleta de contribuições financeiras para compra de carne, linguiça e pães. De imediato a maioria dos jogadores decidiu ficar para o churrasco, o qual não havia sido programado com antecedência. Assim, quando Rodrigo avistou Felipe deslocando-se em direção ao seu carro, ele chamou-o e perguntou se ele estava sabendo que fariam “uma carne”. Felipe respondeu que sim, mas que precisava ir para casa, novamente Rodrigo insiste para que ele ficasse. “-Fique aí irmão, os piás já foram buscar a carne, logo chegam do mercado, vamos ali tomar uma cerveja, você come uma carne e vai pra casa, a mulher nem vai perceber ou fala que o jogo atrasou”. Ambos riram e então Felipe respondeu: “-Não vou poder ficar mesmo, ontem jogamos à tarde com o pessoal aqui e ficamos até às 22 horas tomando cerveja. Hoje eu tenho que almoçar com a patroa, eu tinha um ‘cartucho’ e gastei ontem, se soubesse que fariam churrasco tinha ido pra casa cedo e aproveitava hoje, mas preciso ir mesmo”. Após esta frase os dois gargalharam, e Rodrigo concordou com a “justificativa” do companheiro, assim, estes despediram-se, um deles voltando para o bar e outro entrando em seu veículo e deixando o estádio do Mirante E. C. (DC, 23/04/2017).

Além das negociações em casa, o motivo pelo qual muitos destes jogadores não participavam de certas confraternizações estava relacionado à sua organização do tempo, para poder participar de vários jogos nos fins de semana. O “amor” pelo futebol leva-os a compor diversas equipes e disputar competições em diferentes locais. O campeonato amador era sempre a prioridade, porém, na sequência desta ordem estavam os campeonatos dos clubes associativos. Alguns jogadores desta tipologia chegam a participar de competições em mais de dois ou três clubes, simultaneamente, em diferentes categorias, além de torneios para os quais eram convidados.

Para os jogadores deste tipo, a habilidade era, em certa medida, uma unidade de troca simbólica, ou seja, para que permaneçam disputando os campeonatos amadores e de clubes, “jogar bem” era essencial. Os treinamentos em academias ou o *crosofut* (oferecido em um clube associativo da cidade) reforçavam a preparação física necessária para disputa de tantos jogos. Seus gestos, o tocar na bola,



expressavam um domínio técnico mais refinado; o modo de correr, a movimentação em campo, demonstravam um conhecimento e uma preocupação tática diferenciada das tipologias anteriores.

Por fim, um tipo de jogadores que sempre foi o centro de discussões dentro do Mirante E. C. e que compunham a maior parte do elenco dos clubes ortodoxos, eram aqueles que jogavam por um clube devido aos benefícios ou remunerações. Na dinâmica dos jogos, estes jogadores distinguiam-se dos de outras categorias, pois “desequilibravam” (termo nativo) as partidas devido às melhores condições físicas, técnicas e táticas. Este tipo era formado por jogadores ex-profissionais, por jogadores que ainda tentavam a carreira como profissional e por jovens, que acreditavam que o amador poderia ser uma possibilidade de ingresso em uma equipe profissional.

Para os jogadores que já haviam encerrado suas carreiras como futebolistas profissionais, receber para jogar os campeonatos amadores era condição fundamental. Não pelo valor financeiro, mas pelo significado deste ato no campo. Ao passo que, em muitos casos, se este jogador parasse de receber propostas remuneradas, seriam grandes as chances de este encerrar suas participações também nos campos amadores. Para estes jogadores o nível técnico e condicionamento físico eram primordiais, por este motivo realizavam preparações individualmente, em academias e em locais específicos para treinar os fundamentos do futebol, como os espaços de *crossfut*, por exemplo.

Entretanto, o ato de um jogador amador receber qualquer remuneração financeira para jogar por um determinado clube era, por si só, um gerador de polêmicas e posicionamentos distintos entre os jogadores, técnicos e dirigentes dos clubes amadores. Os jogadores que mantinham relações duradouras com o clube, caso do núcleo do Mirante E. C. alegavam que a essência do amadorismo era justamente o sentimento de amor ao futebol, de identidade com o clube, de fraternidade através dos espaços de socialização e não um espaço de ganho financeiro.

Devido a este fato, em alguns clubes, o pagamento de qualquer valor financeiro ou benefício para jogar era velado, pois um dos princípios do amador, ressignificado de sua origem burguesa, era a não remuneração. Nestes casos, falar abertamente que se recebia qualquer quantia poderia afetar o equilíbrio estabelecido na equipe.

Durante as observações *in loco*, presenciou-se no Mirante E. C. um destes conflitos. De forma velada, o técnico do clube da Divisão Especial, no ano de 2016, convidou seis jogadores de uma cidade vizinha para comporem a equipe do Mirante E. C., oferecendo-lhes uma “ajuda de custo” para o deslocamento até a cidade. Não obstante, o compromisso não foi cumprido pelo técnico, o qual havia garantido à diretoria do clube que se responsabilizaria pelos custos, fato que acarretou um desfalque de seis jogadores na primeira rodada da competição. A situação tornou-se mais problemática, quando os jogadores do grupo descobriram da proposta realizada, que ocasionou a saída de mais alguns jogadores do time, inviabilizando uma “boa” participação do Mirante E. C., que, ao longo daquele ano, enfrentou dificuldades para entrar em campo com 11 jogadores.



Assim, mesmo sabendo da importância destes jogadores em campo, o Mirante E. C., enfrentava um duplo desafio, a ausência de recursos para compor uma equipe com um grande número desses jogadores e assim tornar-se competitiva futebolisticamente, ou então expor-se aos conflitos e tensões existentes, quando optavam por ter apenas alguns destes jogadores para “reforçar” o elenco.

Neste sentido, as equipes dominantes da liga, eram via de regra, as que mantinham em seus elencos uma composição diferente da do Mirante E. C., com um número maior de jogadores remunerados ou que “amavam” o futebol em seu contexto competitivo, existindo pouco espaço para aqueles que viam o amador como um espaço de sociabilidade.

Ao assumir a presidência do Mirante E. C. em 2019, Roberto se propôs a mudar esta lógica de formação da equipe, estabelecida até então no clube. Diferente dos anos anteriores (2013-2028), em que a base da equipe eram os jogadores que possuíam uma identidade com o clube e aqueles que jogavam devido a sociabilidade, naquele ano, a base foram jogadores remunerados. O restante da equipe foi composto por jogadores que jogavam por amor ao futebol e alguns por amor ao Mirante, porém apenas aqueles que possuíam um nível técnico semelhante aos jogadores remunerados. Isto, na perspectiva do Roberto, presidente do clube.

A exclusão de jogadores que representavam o Mirante E. C. com frequência, gerou um clima de tensão e expectativa quanto aos resultados da equipe em campo. Vários destes ex-jogadores que mantinham relações afetivas com o Mirante E. C., mantiveram seus laços com o clube através das peladas e mesmo nos alambrados, acompanhavam os jogos do time em casa e alguns fora. Segundo eles, era o momento de ver, se aqueles jogadores eram tudo isso mesmo e esperar tudo isso passar, para poder retornar a equipe. Para eles, aquele modelo de equipe não vingaria, era uma questão de tempo.

Em oposição a estes jogadores, que para alguns agentes que concordavam com o ponto de vista do novo presidente, estavam ressentidos, mas aquilo era o correto, pois uma equipe forte não era feita apenas com amizade. Para além do clube, era preciso fortalecer o amador, criar uma competição estruturada, se filiar novamente a Federação. Como o Mirante era um clube tradicional, seu crescimento era importante para o campo futebolístico.

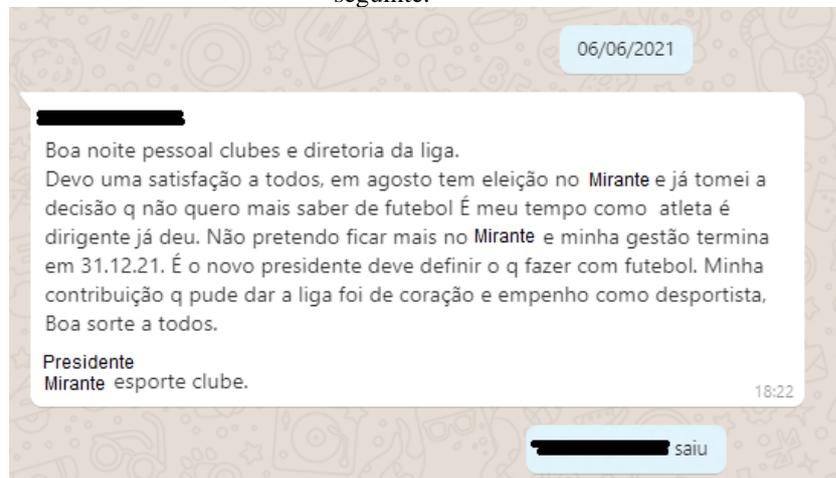
Não obstante, como descrito acima, a participação do time no campeonato de 2019 foi abaixo das expectativas criadas. Em 2020, mudanças foram realizadas, porém a pandemia de Covid-19 impactou a realização do campeonato amador de Ponta Grossa. A competição foi paralisada em sua terceira rodada, retornando somente após mais de 6 meses, com restrições quanto a aglomerações, como os churrascos pós jogos. Impactando diretamente em um ritual, que tinha um papel importante no estreitamento das relações entre os jogadores e entre os jogadores e clubes, pois era o espaço onde os veteranos, dividiam suas memórias com os jogadores mais jovens.

No ano de 2021, o campeonato amador de futebol contou com a participação de 19 equipes, o Mirante Esporte Clube não foi uma delas, meses antes do início do campeonato, ainda incerto devido



a pandemia, Roberto comunicou em um grupo formado por ele, para criação de uma liga filiada à Federação Paranaense de Futebol, que deixaria a presidência do clube.

Figura 8 - Comunicado do presidente do Mirante Esporte Clube em um grupo de WhatsApp criado por ele, que conta com representantes de diferentes clubes amadores de Ponta Grossa e região, anunciando sua saída do cargo no ano seguinte.



Fonte: Presidente (2021).

Durante o aniversário de 99 anos do clube, em novembro de 2021, Roberto já fazia planos para o ano do centenário. Questionado se seguiria na presidência no ano seguinte, ele afirmou que sim. Tal situação leva-nos a refletir como o processo de construção de uma identidade com o futebol é longo, carregado de afetividade e dores. Não obstante, mais difícil do que enfrentar os conflitos e sacrifício cotidianos é deixar o campo de jogo e “pendurar as chuteiras”.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movido pelo anseio de compreender quais motivos que levam um clube de futebol amador, que teve seu auge na década de 1930 e seu último título amador conquistado há mais de 25 anos, permanecer em atividade após mais de 99 anos de sua fundação, o presente estudo lançou-se na complexa tarefa de realização de uma etnografia em longa duração. A possibilidade de estabelecer análises comparativas entre os diferentes períodos da trajetória social do grupo estudado, foi extremamente significativa na busca pela resposta da questão inicial apresentada.

No entanto, permanecer mais tempo no Mirante Esporte Clube que a maioria dos jogadores que por ali passaram, foi um processo doloroso marcados por vários recomeços. Pois a medida em que os jogadores e dirigentes do clube modificavam, novas disputas de poder e ordem hierárquica era estabelecida. Como se trata de uma etnografia, o lugar do pesquisador também sofria estas modificações.

A possibilidade de olhar novamente para as relações sociais descritas em momentos anteriores, ao mesmo tempo em que buscava-se superar novamente as camadas de aceitabilidade com a nova

gestão do clube, permitiram enxergar uma divisão interna anteriormente não percebida. O Mirante era um clube social, mas ao mesmo tempo formava-se anualmente equipes, as quais disputavam os campeonatos amadores de futebol de Ponta Grossa, nas categorias principal e máster.

Nos primeiros anos de incursões a campo, os times eram formados pelos agentes que compunham o clube, ou seja, que possuíam laços afetivos com o Mirante. Por este motivo, esta divisão só ficou evidente com a nova diretoria do clube, que buscava a criação de uma equipe mais competitiva. Assim foi possível observar uma mudança no perfil dos jogadores que compunham os times que representavam o Mirante E. C. no campeonato amador. Os jogadores que possuíam relações de identidade com o clube, foram substituídos por aqueles mais habilidosos do campo futebolístico amador pontagrossense, os que jogavam devido ao recebimento de benefícios ou remunerações e por amor ao futebol, mas não ao Mirante E. C.

Assim como os jogadores que mantinham laços afetivos com o clube, os jogadores “mais habilidosos”, do ponto de vista da nova diretoria, não obtiveram êxito no projeto de conquista de um título amador, fato que fomentou a manifestação de despedida do atual presente da gestão do clube. Em 2022, o presidente manifestou interesse na continuidade do trabalho, porém ainda não se sabe se veremos a formação de uma diretoria com olhar diferente das gestões anteriores ou se o antigo grupo disputará os postos no clube e no campo, mas a realização do estudo evidenciou o quanto a história social de um grupo é marcada por disputas de poder, conflitos, distanciamentos estratégicos, abandonos ou resistências.

A longevidade do Mirante Esporte Clube, pode ser compreendida através destas disputas internas, permeadas por afetividades e sentimentos de identificação com os símbolos do clube, como seu estádio, suas cores, seu escudo, seu hino e principalmente as memórias dos momentos proporcionados pela prática do futebol. A cada ano que passa, o clube aproxima-se de seu centenário, prova irrefutável segundo os próprios agentes pertencentes ao clube, que o Mirante não é pequeno, por este motivo, a ideia de fechar as portas ou aceitar uma posição de coadjuvante no campo futebolístico amador é vista como uma heresia.

Não obstante, os agentes têm consciência dos investimentos realizados por outras equipes amadoras, que torna cada vez mais difícil uma disputa pelo título de campeão amador em condições de igualdade. Deste modo, entre as memórias do passado dos veteranos e a esperança subjetiva (quase mística), de que tudo é possível através de um grupo que se reconheça como uma família, os símbolos, normas e leis que regem este espaço social permanecem sendo reproduzidas, legitimando simbolicamente o futebol amador como uma prática indispensável do cotidiano destes agentes sociais.



**REFERÊNCIAS**

- ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, Londrina, v. 1, n. 2, p. 1–6, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008a.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CUNHA, João Vitor da; RIGO, Luiz Carlos. Memórias de um clube amador de futebol da cidade de São José do Norte/RS. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 320–336, 2013.
- FREITAS JR., Miguel Archanjo de. *Operário Ferroviário Esporte Clube: um estudo das causas do fracasso de uma equipe de futebol profissional do interior do Estado do Paraná*. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2000.
- FREITAS JR., Miguel Archanjo; OLIVEIRA, Edilson de; GABRIEL, Bruno José. Interdependências estabelecidas na configuração futebolística amadora pontagrossense: uma análise etnográfica (2013–2016). *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 21, n. 3, p. 577–587, 2018.
- FREITAS JR., Miguel Archanjo; OLIVEIRA, Edilson de; LINHARES, William Luiz. Mirante Esporte Clube: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem e reprodução do gosto pela prática futebolística amadora na cidade de Ponta Grossa – Paraná (2013–2017). *Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 302–320, 2018.
- FREITAS JR., Miguel Archanjo; OLIVEIRA, Edilson de; PERUCELLI, Thiago. Experiência e sabedoria em campo: representações sociais do envelhecimento no futebol amador de Ponta Grossa. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 7–28, 2019.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *O antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.
- HINE, Christine. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. London: Bloomsbury Academic, 2015.
- HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11–29, 2002.



MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MYSKIW, Marcelo; STIGGER, Marco Paulo. O futebol “de várzea” é “uma várzea”!? Etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 445–469, 2014.

OLIVEIRA, A. P. Entre a várzea e o profissional: sobre um campeonato de futebol amador. *Espaço Plural*, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 114–139, 2013.

OLIVEIRA, Edilson de. *Redescobrimo o sentido do jogo: um estudo etnográfico do processo de aprendizagem da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube em Ponta Grossa–PR (2013–2017)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

OLIVEIRA, Edilson de; FREITAS JR., Miguel Archanjo. *Redescobrimo o sentido do jogo: uma etnografia da cultura futebolística no Mirante Esporte Clube*. Brasília: Trampolim, 2020.

PETROGNANI, Bruno. *Futebol e religião no Brasil: um estudo antropológico do ritual de preparação*. 2016. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RIBEIRO JR., José Carlos. *Futebol pontagrossense: recortes da história*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2004.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 83–98, 2007.

SAHLINS, Marshall. *Esperando Foucault, ainda*. São Paulo: Cosac & Naify, 1993.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 59–82.

